

this is not a Cinderella story
Narkë, a História de um Vestido

I

nanoufar

Era uma vez ...

Longe do tempo...! Fora do tempo...!

Quando?

Vivia num distante e faustoso império do Oriente, num palácio de papel, uma linda princesa de nome Yen Shen; era a mais bela princesa que alguma vez existiu. Seu pai, o imperador Ab Ra Han, governava com bondade e sabedoria o seu vasto Império. Orgulhava-se o soberano da sua filha que, diziam, envergonhava a Lua, seduzia e ofuscava o Sol. Havia mesmo quem lhe chamasse a “Garça Imperial”, de tão graciosos que eram os seus gestos. Inúmeras vezes, quando passeava pelos jardins do palácio, parava perto do lago de águas prateadas que seu pai lhe oferecera quando era ainda menina. Aí, nesse berço aquático, concebera-a sua mãe, que nunca conheceu e encontrara-a seu pai. Na doçura dessa água fria mergulhava ela os pés, os mais belos pés que alguém possa imaginar. Quem a visse comparava-a a uma estátua marmórea, tal a brancura da sua tez e comparava os seus pés a duas pequeninas flores de lótus azuladas, docemente perfumadas, que atraíam todos os pequenos peixes do lago. Ora, um belo dia, um grande peixe de escamas douradas e luzentes, aproximou-se de Yen Shen; era um peixe diferente dos outros que costumavam brincar com os dedos dos seus pés. De súbito, ó espanto! Este grande peixe elevou-se das águas.. e a princesinha assustada pôde então ver que só tinha um olho.

Petrificada, Yen Shen viu-o abrir a boca e proferir o seguinte feitiço:

– Bela princesa! Teus pés de flor encantam o Oriente como jamais aconteceu! Fadar-te-ei para que, tal como as flores azuis deste lago, que de botão fechado à luz da Lua florescem para os raios do Sol, encantem também o Homem do Ocidente.

Dito isto, o peixe – peixe de um olho só – desapareceu entre os nenúfares do lago.

Perante tão estranha dádiva, a princesa não fez senão contar a seu pai o singular encanto. E somente nessa noite se apercebeu do peso das palavras do estranho peixe dourado: ao soar da meia-noite, os lindos pés orientais, perfeitamente fechados, dois botões de lótus azul, abriram-se para horror do imperador e espanto de todos.

Radiantes ficaram, no entanto, as duas meias-irmãs mais velhas de Yen Shen que, ensombradas pela sua graça e beleza, cresceram despeitadas e amarguradas, até que no corpo se revelou a alma, e o ciúme as tornou tão feias quão feios eram os seus sentimentos.

orquídea

A partir desse dia, a princesinha, que nunca precisara de enfaixar os pés como as outras damas orientais e escondê-los em sapatos, passou, todas as noites, a proceder a um estranho ritual exigido por seu pai: na tentativa de restituir aos pezinhos de Yen Shen, durante o dia, o formato perfeito que adquiriam à noite, estes eram apertados à meia-noite com faixas da mais bela seda, bordada pela própria princesa. Em seguida, os mais afamados artesãos encerravam os pés da jovem nos mais ricos sapatinhos que alguma vez se vira, utilizando fios de ouro e prata. Mas, tais arranjos verificavam-se em vão.

Pela manhã, a princesa apresentava-se invariavelmente a seu pai sem sapatos, nem um, nem o outro – nem o do pé direito, nem o do pé esquerdo!

O rei, preocupado, perguntava-lhe porque não se calçara e a princesa confessava que havia perdido o seu par de sapatinhos de ouro sem explicação possível.

Toda a corte procurava em vão os seus preciosos sapatinhos, o reino inteiro era percorrido na esperança de que algum atrevido sapateiro, desejoso de possuir tão belo par de sapatinhos, tivesse cometido uma tão grande loucura, mas não! Em vão era a busca.

O nobre imperador, desesperado, reuniu os melhores artesãos, sábios e feiticeiros do reino, para que decidissem que sapatinhos deveria usar a princesa.

Quando, finalmente, houve consenso, sugeriram matar o dito “peixe de um olho só” e mandar fazer com a sua espinha e escamas de ouro um magnífico par de sapatinhos para Yen Shen – esta seria a derradeira tentativa.

Se tal não funcionasse, então nada funcionaria.

E assim fez o bom Ab Ra Han. Mas, na manhã seguinte, nem um nem o outro, nem o do pé direito, nem o do pé esquerdo... O pai perguntou-lhe o que sucedera e a princesa apenas soluçou...

– Mas é impossível! Exclamou o imperador. Os sábios garantiram-me que...

Uma e outra vez todos os sapatinhos desapareciam sem deixarem rasto. Nem os guardas, nem as amas que guardavam a alcova da princesinha podiam explicar porque sucedia tão estranho fenómeno.

Ninguém sabia explicar. A verdade é que nem o do pé direito, nem o do pé esquerdo conseguiam encontrar.

Os sábios foram chamados uma última vez e chegaram a novo consenso sobre a falta de explicação do mistério:

Seus pés são
como as flores que se abrem
com o nascer do Sol
e se fecham à noite;

pertecem ao Rei Sol

e é lá...
que ela deve levar seu coração!

Mas o velho imperador não estava preparado para ver partir a princesinha, demasiado jovem, para ser enviada em tão longa viagem com destino à corte ocidental do Rei Sol.

Certa noite, em que a brisa abrira a janela do seu quarto, a princesa ouviu uma voz perdida murmurar:

“Tu, a mais linda princesa que existe e jamais existirá, teu verdadeiro amor da flor de lótus virá; reencarnado, há-de surgir num país do além ocidental”.

O tempo passava...

Yen Shen foi crescendo cada dia mais bela e as suas irmãs mais amargas e feias.

O passar dos anos mais preocupações trouxe ao pobre imperador: as suas filhas aproximavam-se da idade de ser desposadas. O Rei antevia já que não conseguiria casar as duas mais velhas; seriam esquecidas pelos pretendentes, perante a beleza da filha mais nova.

À medida que se contavam os dias para o grande festival da Primavera, as duas irmãs mais velhas apercebiam-se do perigo que Yen Shen representava para elas e de que se tinham que ver livres dessa ameaça. Pediram, então, ao pai que enviasse Yen ao reino do Ocidente, tal como os sábios tinham aconselhado em tempos. Chegara o momento de o fazer...

O pai, que sempre temera a chegada desse fatídico momento – a partida da filha amada – recorreu a todas as suas energias, tornou-se mais forte e, sacrificando o desejo do seu coração e da sua carne, decidiu deixá-la partir rumo à esplendorosa corte do Rei Sol!...

Convocou então um homem de sua confiança e encarregou-o de, disfarçado de mercador, e carregando rumo ao Ocidente as mais finas sedas para os mais luxuosos vestidos das cortesãs francesas, transportar consigo a princesa como se de sua filha se tratasse.

E foi assim que, vestida de andrajos, Yen Shen recebeu a prenda de despedida que suas irmãs lhe quiseram oferecer: vários pares de pantufas de pele de esquilo branca e cinzenta. Fizeram-na jurar que os usaria sempre na sua longa caminhada; as malévolas esperavam que as pantufas ocultassem o doce perfume dos seus pés e que o rigor dos caminhos os ferisse e deformasse para todo o sempre. Confiada a um falso mercador, a princesinha seguiu a antiga rota que uniu o seu império ao Ocidente. Uma longa e penosa viagem até à resplandecente corte do Rei Sol.

II

flor-de-lis

Nessa corte ofuscante reinavam a opulência e o materialismo, coisas que a princesinha desconhecia, pois apenas os vislumbrara nas conjecturas das suas duas irmãs. Mas o bravo e dedicado Ab Ra Han não deixara a sua filha desamparada, pedira a um amigo, nobre poeta francês Charles Perrault, que tomasse a jovem princesa a seu cargo, tornando-se seu protector.

E a princesa foi introduzida na corte pelo braço deste senhor que, com o dinheiro que o imperador lhe enviava, se encarregou de a vestir com os mais belos vestidos e de a apresentar ao próprio Rei de França como a Dama Yen Shen – uma princesa vinda do Oriente – uma exótica especiaria de um requinte e delicadeza incomparáveis.

A sua rara beleza rapidamente se tornou motivo de espanto e despertava de igual modo o tanto desejo dos homens como o ciúme e a ira das mulheres.

Eram inúmeros os que a desejavam, mas o seu protector Perrault, homem vivido e conhecedor dos prazeres mundanos, sabia que devia proteger a bela donzela de todo o ardente desejo da corte promíscua. Esta “fleur de Lys” como lhe chamava, estava, segundo ele, destinada ao próprio Rei. A tudo isto a jovem reagia com espanto, sem compreender como poderia o seu destino passar por tão confuso quanto deslumbrante lugar, onde os seus pés eram admirados pela sua forma diurna e não pelo delicado “fechar” que encantava todos no seu longínquo Oriente.

A princesa tornou-se rapidamente a predilecta do rei, que passava as tardes a tecer-lhe elogios perante a sua corte de damas, apelidando-a de “Lírio de Ouro”. Sempre que caminhava, por mais pequenos que fossem seus passos, emanava um odor doce e quente, que a envolvia num halo de sedução. Todos a seguiam e admiravam ainda mais pela pequenez e elegância dos seus pés. E Perrault encarregava-se de fazer com que a princesa só aparecesse de dia, para que ninguém se apercebesse do feitiço que lhe havia sido lançado pelo “peixe de um olho só”. Consequentemente, “Lírio de Ouro” não podia comparecer a nenhum dos faustosos bailes dados no palácio, para grande desgosto do Rei.

E eis que o grande baile da primavera foi marcado, “Fiançailles des cendres”, e o Rei exigiu a Perrault que “Lírio de Ouro” comparecesse. O pobre poeta não sabia o que fazer. Como evitar que todos reparassem na maneira como os pés da princesa se deformavam ao chegar a meia-noite?

Foi então que, ao recordar as pantufas de pele de esquilo já desfeitas que Yen Shen trazia calçadas ao chegar, Perrault soltou uma gargalhada que ecoou por todo o palácio.

– Vair non! Verre!

E “Verre” foi rapidamente. Perrault acreditava que a natureza do material poderia fazer com que o pé de “Lírio de Ouro” se mantivesse aberto, quebrando-se assim o feitiço.

“O cristal não brilha, mas antes reverbera os raios do Rei Sol”. E disse ainda: “O brilho do cristal ofuscará todos aqueles que não souberem ver a tua verdadeira beleza, e desencadeará apenas o seu devaneio, deixando o corpóreo incorpóreo. Apenas o cristal é digno de uma dama.”

A princesa, radiante por poder ir ao baile, esqueceu assim o seu problema e ficou encantada com os belos sapatos de Cristal.

Perrault tudo fez para que na noite prevista, a jovem princesa do mágico oriente deslumbrasse a envaidecida corte do ocidente: um coche magnífico, ainda que estranho, conduzido por seis enormes corcéis, fazendo-se acompanhar de uma escolta pessoal de seis homens; um maravilhoso vestido de ouro e prata bordado com as mais belas jóias, e um casaco com flores douradas e diamantes.

O Rei Sol e a corte prostraram-se, nessa noite, a seus pés. “Lírio de Ouro” dançou com

o próprio Rei, e a sua graciosidade e leveza quase ofuscaram a fama de exímio bailarino que sua Majestade detinha.

A noite, já bem caída, mal se notava no brilho da corte, e as estrelas apenas se assemelhavam ao reflexo dos diamantes das belas cortesãs num aveludado “Manto Negro”.

As doze badaladas da meia-noite soaram no grande salão de baile.

Eis que, de repente, contrariando as expectativas de Perrault, a princesa, tomada pelo pânico, sente os pés cederem ao encantamento; o Rei não quiz deixar partir tão exótica bailarina e apertou-a com mais força, mas a princesa conseguiu escapar-lhe por entre os braços com uma espantosa destreza. Ao descer a escadaria, “Lírio de Ouro” perdeu inevitavelmente os seus sapatinhos de cristal. O Rei, que seguiu no seu encaço, tropeçou numa das delicadas e quase invisíveis peças de cristal e caiu por cima do outro sapatinho quebrando-o e ferindo-se gravemente numa perna.

A princesa já ia longe na bizarra carruagem sem suspeitar do tumulto que a sua partida desencadeara. O Rei Sol trouxe-a ainda nessa noite à sua presença: desconhecendo o porquê de tão estranha fuga enviara alguns homens em sua perseguição.

Disse-lhe então o soberano:

“Vindes com os dois pés desnudados?! Sem sapatos! Nem um, nem outro, nem o do pé direito nem o do pé esquerdo!”

Envergonhado e triste por saber que não voltaria a dançar como antes do incidente, olhou para a perna ferida e continuou:

“Uma dama da corte não pode humilhar o Rei Sol, estando descalça. És, de entre todas, a minha predilecta, foste poupada aos costumes da minha corte e comportaste-te como uma meretriz!”

Foi então que atentou nos pés da jovem, que sem querer erguer a cabeça para o olhar no rosto, conseguiu visualizar a sua expressão através da repulsa transmitida pela sua voz:

– Como é possível que me tenhas escondido isto? Toda a tua beleza se desvanece perante esta hedionda visão ... os teus pés são disformes! Uma aberração!

Estas palavras provocaram risinhos nas damas presentes.

– De hoje em diante serás conhecida como uma Hetera! Concluiu o Rei. E dito isto, “Lírio de Ouro” foi proibida de frequentar a corte.

Perrault, desconsolado, não sabia mais que fazer:

– Como pudeste ser capaz? Eu, que por ti fiz de abóbora carruagem, de ratos corséis, de lagartos cocheiros, das tuas roupas simples os mais belos vestidos, e de pantufas de pele sapatinhos de cristal, os sapatos que mais ninguém poderia calçar?!...

A princesa chorava silenciosamente. Sentia-se só e não acreditava que algum dia viesse a compreender o encantamento lançado por aquele cruel “peixe de um olho só”.

Lótus de ouro

No dia seguinte, Perrault procurou Madame de Lapoche, senhora digna, de descendência

nobre, conhecida pela sua frieza e rispidez.

A princesa já não era bem vinda ao palácio de Versailles e Perrault não lhe podia dar guarida, sob pena de perder as graças de Luis XIV, o próprio Rei Sol.

Esta senhora havia aceite ficar com a jovem “Hetera” como dama de companhia de suas duas filhas, em troca da quantia que o imperador Ab Ra Han enviava periodicamente a Perrault.

Foi assim que Yen Shen, a “Hetera”, se viu mais uma vez rodeada por duas “irmãs” hostis, mimadas e vaidosas; tendo por dever ajudá-las nos seus preparos de manhã à noite.

No entanto, Perrault não se esquecera dela. Resistindo sempre com o poder dos Deuses à sua singular beleza, Perrault exibia-a, arrastava-a nas festas dadas pela nova burguesia, na esperança de que a princesa se encantasse por algum dos jovens que a quisessem desposar. Mas, longe do esplendor da corte e afastada dos seus sonhos, “Cendrillon”, “a menina das cinzas”, como se tornara conhecida, perdera o olhar brilhante e o seu sorriso já não tinha a encantadora frescura de outrora. Passou a usar roupas remendadas, que mais pareciam feitas de vários pedaços de velhas peças, e o seu corpo e rosto haviam adquirido uma tonalidade que a fazia parecer coberta de fuligem.

Acabou por passar a servir como uma mera “criada” em casa de Madame de Lapoche, a cruel marquesa que, juntamente com as suas filhas, tornava a vida de “Cendrillon” um verdadeiro inferno, abusando continuamente da sua bondade e ingenuidade.

A princesa voltou a ser incomodada pela voz que outrora havia profetizado a sua viagem ao Ocidente.

Uma noite, essa voz sussurrou-lhe aos ouvidos:

“As Nornas tecem pacientemente seu fuso
no poço,
ao lado da árvore Yggdrasil,
ao lado do lago.

Urd
E Verdandi
Esperam que Skuld corte o fio tecido.

Da árvore cai uma noz.
Skuld, o “peixe de um olho só”, abre a noz e ...
Um baile ctoniano – A noite de Walpurgis!”

E terminou:

“ Tu, a mais linda princesa que sempre foste e serás, a tua libertação num baile encontrarás.”

Poucos dias depois, Madame de Lapoche e suas filhas foram convidadas para um grande baile na corte, na majestosa sala dos espelhos do palácio. Seria o maior baile desde que se

deixara de ouvir falar do “Lírio de Ouro”. As outras damas regozijavam-se por saber que ela não estaria presente e passaram dias a pentear-se, maquilhar-se, empoar-se, espalhar-se, para brilhar mais, muito, muito mais do que outras que brilhariam mais ainda.

“Cendrillon” passou três dias e três noites a ajudar Madame de Lapoche e as filhas. Empoou perucas, fez e desfez centenas de laços, foram partidos doze corpetes para conseguirem as silhuetas pretendidas. “Cendrillon” estava exausta.

Durante todo este processo, as suas “irmãs” sempre haviam evitado os espelhos mas, ao chegarem à corte, a sua volúpia e vaidade, conduziram-nas de imediato até dois enormes espelhos ovais, à frente dos quais se acotovelavam outras damas e cavalheiros ávidos de verem espelhada a sua própria beleza. A verdade reflectida nesses espelhos, levou-os à sua perdição. Assim, os espelhos devolveram o próprio “Eu” a cada um (Quique Sum Reddit). E para espanto e horror de todos, a diabólica imagem da sua beleza transformara-se no traseiro do Diabo. Enlouquecidas e possuídas pela ira, as irmãs rodopiaram pelo enorme salão, seguidas pelas outras damas e cavalheiros que depressa se lhes juntaram numa frenética e decadente feira de vaidades.

Não tardou que, um a um, fossem sendo fulminados pelo Basilisco. Todos os espelhos da sala, símbolos do poder do próprio Rei Sol, se quebraram. O pânico generalizou-se e cada um procurava escapar como pudesse.

Nessa noite, que os Homens haveriam de conhecer como a da Revolução da Igualdade, da Fraternidade e da Liberdade, caiu a faustosa corte do Rei Sol. Aqueles que dela haviam tomado parte foram obrigados a fugir, e foi assim que a jovem princesa se viu, mais uma vez, embarcada rumo ao desconhecido.

III

rosa azul

A Marquesa levou-a para Inglaterra. Prontamente se estabeleceram em Cambridge, paraíso dos homens sábios e cultos. Mas a desgraça da família de Madame de Lapoche apenas havia começado: a vaidade desmedida das duas irmãs, agora revelada em horror pelos espelhos, levou-as a esbanjar toda a fortuna de sua mãe em roupa e jóias, mas esta já há muito se havia desprendido de questões materiais. A Senhora ficara presa às recordações da deslumbrante corte do Rei Sol, e isolava-se no silêncio do seu quarto, lembrando esses tempos faustosos.

A jovem princesa libertou-se então do domínio da malvada perceptora, gerindo ela própria o dinheiro que recebia de seu pai por intermédio de Perrault, e começou a frequentar o círculo intelectual e artístico da época. Só, era como um espectro, vagueando descalça pelas brumas da cidade; sempre que se aproximava do rio, para contemplar melancolicamente as águas espelhadas, revia, como se de uma estampa se tratasse, a sua beleza etérea e irreal, recordando o lago que, um dia, fora o seu.

Viviam nesta cidade dois jovens irmãos escritores, Wilhelm e Jacob Grimm. Numa fria

manhã de inverno, Wilhelm, o mais velho e sonhador dos dois, arrastou o irmão para uma feira oriental em busca de inspiração para iniciarem o seu mais recente projecto – um livro de contos para crianças, baseado nas histórias populares que se contavam de geração em geração. Foi nesta feira, verdadeiro simulacro de uma aldeia chinesa, que Wilhelm se apaixonou pelo Oriente. O exótico povo fascinou os dois irmãos que avidamente consumiram o máximo de informação possível; Wilhelm comprou a uma velha senhora chinesa, que dizia ter trabalhado no palácio imperial, uma pequena estampa que mostrava uma linda rapariga de silhueta sinuosa e uma antiga e delicada faixa de seda bordada, que lhe prenderam a atenção. Na faixa estava bordada a história da terrível maldição dos Pés de Lótus e da mais bela princesa que jamais existira. “A seda”, garantiu-lhe a velha, “ ser bordada por princesa”.

Da relação entre a estampa e a faixa, começava a brotar no jovem Wilhelm um interesse desmedido pela dita princesa oriental e pela sua história, e começou a escrever os primeiros rascunhos daquilo que seria, segundo ele, uma grande história.

Foi então que Jacob lhe falou de uma jovem de delicados modos orientais, frequentadora do círculo social da época, que costumava visitar as várias feiras orientais realizadas em Cambridge, e que tinha a estranha particularidade de caminhar descalça, com os pés envoltos em finas meias de seda. O seu interesse por esta jovem enigmática levou-o uma e outra vez às várias feiras, fazendo-se acompanhar pelo irmão.

Eis que a sua perseverança foi recompensada quando, um dia, o irmão lhe apontou a bela jovem, que conseguiu vislumbrar por entre duas senhoras que tomavam chá. A partir desse momento passou a segui-la ocasionalmente, admirando-a à distância.

Lírio vermelho

Iniciou-se então uma obsessão fervorosa por parte do escritor – deixou de comer, de dormir – só escrevia, escrevia, escrevia... escrevia..., apoderando-se da imagem da jovem que vira, para dar corpo à sua princesa. Viajava no tempo e no espaço através da sua escrita; quebrando todas as barreiras, tornou-se o “ladrão” de todos os sapatinhos que a donzela foi perdendo ao longo dos tempos; e segredava-lhe doces murmúrios durante a noite... a ela..., “a mais bela princesa que jamais existiu e jamais existirá”.

Entretanto, Jacob preocupava-se com o estado doentio em que Wilhelm se encontrava. Viu-o abandonar todos os outros projectos em prol daquela estranha história que escrevia, repleta de simbologias mórbidas, em que a heroína, “Aschenputtel” – a menina das cinzas – uma jovem, órfã de mãe, que vive com a madrasta e duas terríveis irmãs, e que encontra o seu único consolo na campa da mãe, onde crescera uma noqueira que abrigava uma pomba branca com o dom da palavra. Depois... haveria três bailes, um príncipe e vestidos que surgiriam de dentro de nozes...

Jacob estava certo que o irmão ficaria louco se continuasse, e tentou demovê-lo de terminar a história. Chegou mesmo a tentar destruí-la, o que provocou a ira de Wilhelm que, transtornado, via já nele um rival com quem tinha de disputar a sua amada personagem. Num

destes ímpetos, tentou cegar o irmão com a própria pena que usava para escrever. Perante a obstinada loucura de Wilhelm, Jacob vê-se forçado a partir, só, para a terra-natal de ambos, abandonando-o à sua sorte.

Wilhelm terminou o seu conto com um desfecho apoteótico em que a bondade de “Aschenputtel” é recompensada com um final feliz junto do príncipe, e as odiosas irmãs são castigadas, automutilando os próprios pés, motivadas pela inveja; como castigo supremo, dois corvos comem-lhes os olhos.

narkë

Terminada a história, o jovem escritor reúne então todos os sapatinhos que havia recolhido e idealiza um vestido feito com eles, um vestido que pudesse servir àquela cujos pés de lótus não podiam ser calçados. Um vestido único e quase impossível, que só a ela servisse – O seu Vestido!...

Visitou então a sua costureira favorita, Dorothea Viechermann, mulher do seu alfaiate, e pagou-lhe tudo o que tinha, até ao último centavo, incumbindo-a de realizar tão árdua tarefa.

Conhecendo os hábitos da sua princesa “Aschenputtel”, como lhe chamava, não foi difícil perceber que, todas as noites, a jovem tinha o hábito de se prostrar junto ao rio, qual estátua marmórea, admirando as águas.

Assim, numa noite de primavera, Wilhelm estendeu o Vestido em frente ao rio, no local onde, tantas vezes, vira aquela aparição solitária. Escondeu-se então.

As doze badaladas soaram e eis que ...

... surgindo do limbo, aproximou-se a princesa em pequenos passos graciosos.

Yen Shen passeava junto ao rio, como todas as noites, quando viu, para seu espanto, um estranho e maravilhoso vestido à beira da água e ... como era possível? A jovem reconheceu nele os seus sapatos...

– Será que...??

Sem sequer pensar, Yen Shen vestiu instintivamente o Vestido que antes nunca conseguira calçar...

Radiante, admirava, maravilhada, o seu reflexo nas águas do lago. Amava aquele Vestido que lhe trouxera a realização do sonho pelo qual toda a vida ansiara...

...Finalmente tinha os seus sapatos vestidos...

Wilhelm admirava de longe, dominado por alternados impulsos de ânsia e felicidade, toda a graça e beleza da silhueta de “Aschenputtel”...

...E, nessa noite, foram felizes...